#### I.

Cimeira de Bruxelas anuncia acordo para a migração. O pacto prevê plataformas de desembarque de migrantes fora da União Europeia e também a criação voluntária de centros de identificação de refugiados.

Conselho Europeu aprova nova distribuição de lugares no Parlamento depois do Brexit. Dos 73 assentos deixados vagos pela saída do Reino Unido, 27 vão ser redistribuídos por outros estados-membros.

E ainda no programa de hoje: Donald Trump acusa a União Europeia de ser "tão má quanto a China" nas relações comerciais com os Estados Unidos.

#### II.

## Giuseppe Conte, Primeiro-ministro de Itália

Após este Conselho Europeu temos uma Europa mais responsável e unida. A Itália já não está sozinha.

Giuseppe Conte, primeiro-ministro italiano estreou-se em Bruxelas. O líder italiano falava após uma longa e dura maratona negocial sobre a migração.

Itália tinha ameaçado votar contra as conclusões da cimeira da União Europeia dedicada à questão migratória se não visse satisfeitos os seus pedidos.

Chegou-se a um acordo. Com este novo pacto vão ser criados "centros controlados" dentro da Europa para acolher os migrantes que chegam às zonas de maior pressão migratória.

O acordo prevê também a criação de plataformas de desembarque de migrantes fora da União Europeia e ainda o aumento dos apoios económicos a países do Norte de África e também à Turquia.

Aqui a reacção do presidente francês Emmanuel Macron.

#### **Emmanuel Macron**

O trabalho com os países terceiros e, em especial, com África, mas também com o Médio Oriente, uma vontade de proteger melhor as nossas fronteiras, reforçando os compromissos tomados sobre esta questão, reforçar igualmente as nossas regras de acolhimento e a proposta de ter centros controlados no território europeu para melhor organizar este acolhimento. A solidariedade que devemos aos países de primeira entrada ficou registada nesta primeira cimeira.

Já o primeiro-ministro português mostrou-se desiludido.

### António Costa, primeiro-ministro de Portugal

Aguilo não é um acordo. Aguilo é uma declaração, que tem coisas vagas.

E connosco ao telefone desde Bruxelas está Victor Ângelo, consultor internacional e antigo secretário-geral adjunto das Nações Unidas.

Começava por perguntar que leitura é que se pode fazer deste acordo sobre um tema tão fracturante na Europa? Estas parecem ser medidas adequadas? Eu creio que não, eu creio que nós estamos perante uma série de decisões que são absolutamente irrealizáveis. Os diferentes líderes europeus estiveram todos de acordo sobre decisões em que ninguém acredita. Um exemplo concreto é a questão da criação de centros de acolhimento e de tratamento dos pedidos de refúgio nos países europeus. Mas logo a seguir à cimeira, o presidente francês Emmanuel Macron disse que a França não iria criar esse tipo de centros de acolhimento. Depois foi a vez do primeiro-ministro português também dizer que em Portugal não existirão centros desse tipo e assim sucessivamente.

Outras das questões que foi aprovada foi a criação de plataformas de desembarque dos migrantes fora da União Europeia, ou seja, a ideia de que outros países aceitariam acolher temporariamente os candidatos ao exílio, os candidatos ao asilo político e os candidatos à imigração e que enquanto os europeus estivessem a fazer o processamento desses pedidos, esses candidatos ficariam em zonas de desembarque, por exemplo, no norte de África. Ora, a criação dessas plataformas não foi discutida com os países da África do Norte, não foi também discutida com os países europeus onde elas poderiam ter sido instaladas, como é o caso da Albânia, e imediatamente após o anúncio da decisão da criação destas plataformas, vários países do norte de África, a começar pela Tunísia, disseram que "na Tunísia" ou "no meu país, essas plataformas não existirão".

que o governo italiano pudesse, ao regressar a Roma, dizer que tinha sido o porta-voz das preocupações italianas e que os líderes europeus tinham ouvido essas preocupações. Também porque Angela Merkel foi para a cimeira de Bruxelas numa posição extremamente enfraquecida e ela precisava de sair de Bruxelas com um acordo, mesmo que fosse um acordo faz de conta. Ela precisava de mostrar ao seu ministro do interior que a União Europeia estava a tratar das questões das migrações e que as preocupações que esse ministro

Por um lado, para satisfazer a opinião pública italiana, e nomeadamente para

Então por que razão é que chegaram a este acordo?

a tratar das questões das migrações e que as preocupações que esse ministro (Horst) Seehofer tinha expresso, que essas preocupações estavam a ser respondidas. Mas na realidade nós assistimos a uma cimeira que foi uma cimeira de faz de conta e que acabou por não resolver o problema de Merkel, porque 48 horas depois do fim da cimeira Merkel entrou novamente numa situação de crise profunda no seio da sua coligação.

O que é que vai acontecer então daqui para a frente? Eu penso que o acento tónico vai continuar a ser no reforço das fronteiras exteriores da União Europeia. Isso quer dizer nomeadamente no recrutamento em massa de novos agentes para reforçar a Frontex, ou seja, os polícias e os agentes aduaneiros que farão o controle das entradas no espaço europeu. A outra grande opção continua a ser a opção de discutir com as diferentes tribos da Líbia e também do norte do Níger para que essas tribos funcionem como filtros e impeçam a passagem dos candidatos à imigração, ou seja, vai-se continuar a insistir numa solução que é uma solução puramente tribal, que vai agravar ainda mais as divisões, quer no seio da Líbia, quer ainda no Norte do Níger e noutros países do Sahel, vai permitir a esses grupos étnicos adquirir novas armas e meios financeiros importantes.

Victor, ainda na questão das migrações, temos uma boa notícia para Portugal, o antigo eurodeputado António Vitorino foi eleito director-geral da Organização Internacional para as Migrações. Derrotou o o candidato de Donald Trump. Como foi acolhida esta notícia na Europa? À partida houve uma boa recepção, a atitude europeia foi muito positiva, muito encorajante no que diz respeito a António Vitorino, mas muito provavelmente António Vitorino vai entrar em conflito no futuro próximo quanto à posição de determinados países europeus no que diz respeito à aceitação ou não aceitação de migrantes e também no que diz respeito à maneira de como se faz a prevenção dessas migrações.

#### III.

E outra questão que continua a dividir a Europa é a saída do Reino Unido do bloco comunitário.

Durante o Conselho Europeu, que decorreu em Bruxelas no final da semana passada, o chefe das negociações do Brexit da União Europeia com o Reino Unido, Michel Barnier, disse que persistem " sérias divergências" entre Bruxelas e Londres.

Um dos pontos é a forma como se vai resolver a única fronteira terrestre, que liga a Irlanda do Norte à República da Irlanda.

# Entretanto, o Conselho Europeu aprovou a nova distribuição de lugares no Parlamento, depois da saída do Reino Unido, como nos conta a jornalista Marta Melo.

A saída definitiva do Reino Unido da União Europeia está prevista para Março do ano que vem. Ao deixar de ser membro do bloco, o país deixa também de ter representantes no Parlamento Europeu.

O Conselho Europeu aprovou uma nova composição do parlamento.

A decisão estabelece o número de representantes de cada estado-membro entre os anos 2019-2024

A decisão diminui de 751 para 705 os eurodeputados.

Dos 73 assentos deixados vagos pelo Brexit, 27 vão ser reatribuídos para melhor reflectir o princípio da proporcionalidade degressiva, como escreve o Conselho Europeu em comunicado.

Ao todo, França vai ter mais cinco elementos, o mesmo número vai ser destinado a Espanha. Já Itália e Holanda vão receber cada um mais três, a Irlanda dois lugares e os estados membros Áustria, Dinamarca, Finlândia, Eslováquia, Croácia, Estónia, Polónia e Roménia mais um assento.

Victor, o que é que esta proporcionalidade degressiva? Fundamentalmente isso tem a ver em conta com a dimensão dos países e o número de deputados europeus por um determinado número de habitantes e na realidade notava-se que nos últimos tempos a França e a Espanha nomeadamente a França e a Espanha – tinham um número de deputados europeus que era proporcionalmente menos vantajoso do que certos países mais pequenos, ou seja, para eleger um deputado europeu em França seriam precisas 300 ou 400 mil pessoas, enquanto que num país como Malta com apenas 50 mil pessoas se consequiria eleger um deputado europeu. E por isso eles aumentaram o número de deputados para a França, o número de deputados para a Espanha e a Itália. Mas também adoptaram o princípio de que nenhum dos países membros perde deputados. E a verdade também é que 46 assentos ficaram por atribuir. Em certa medida, a existência destes 46 assentos disponíveis mostra que a prazo, provavelmente nos próximos cinco anos, nós iremos assistir à adesão de mais dois ou três países para o espaço da União Europeia.

O que muda fundamentalmente no Parlamento Europeu com o Brexit? Quer o partido conservador, quer o partido Ukip, que eram vozes que criticavam sistematicamente as medidas adoptadas em Bruxelas, esse tipo de vozes vai desaparecer, ou seja, há um certo enfraquecimento dos eurocépticos, pelo menos dos eurocépticos britânicos, mas é muito provável que esse espaço venha a ser ocupado por deputados eurocépticos vindos, por exemplo, da Itália ou vindos da Europa do Leste. Nós iremos assistir a uma transferência do eurocepticismo, que era um eurocepticismo anglo-saxónico, para um eurocepticismo continental e da Europa Oriental, ou seja, muito mais próximo do coração da Europa, dos grandes problemas que o continente europeu enfrenta e que provavelmente vai marcar muito a agenda da próxima Comissão Europeia e das próximas decisões políticas nos anos que estão à nossa frente, nos próximos cinco anos.

Voltando anda à questão do Brexit, depois de tanto tempo ainda há muito a resolver.

Neste momento em Bruxelas, os principais dirigentes europeus estão perplexos perante a falta de definição ao nível de de Londres no que diz respeito à fase posterior à saída do Reino Unido da União Europeia. E a grande questão é certamente a questão da fronteira entre a Irlanda do Norte e a República da Irlanda, mas também as outras questões e nomeadamente que tipo de relacionamento económico e comercial haverá entre o Reino Unido e a União Europeia depois de Março de 2019. E mais ainda, acabam de revelar que durante os seis primeiros meses desde ano David Davis, que é o

negociador britânico apenas passou quatro horas com Michel Barnier, que é o representante da União Europeia para as negociações sobre o Brexit.

#### IV.

Voltamos já à conversa com Victor Ângelo. E viramos agora as atenções para outras regiões.

O presidente dos Estados Unidos Donald Trump disse que UE é "tão má como a China" nas relações comerciais com os Estados Unidos. Mais com a jornalista Lina Ferreira.

O presidente norte-americano afirmou no Domingo que a União Europeia é "possivelmente tão má como a China" no que diz respeito à relação comercial com os Estados Unidos. Isto apesar de Washington gastar "uma fortuna na NATO" para proteger os europeus, acrescentou o líder.

Trump fez as declarações à Fox News uma semana depois da China e da União Europeia terem-se reunido e deixado o alerta de que a guerra comercial lançada pelos Estados Unidos pode provocar uma recessão global. Numa cimeira económica e para o comércio, representantes dos dois países acordaram defender o sistema de comércio multilateral enquadrado pela Organização Mundial do Comércio.

"O unilateralismo está a crescer", referiu o vice-primeiro-ministro chinês Liu He.

A reunião realizou-se após entrarem em vigor novas tarifas aduaneiras aplicadas pela União Europeia sobre produtos importados dos EUA. Uma retaliação às novas taxas alfandegárias impostas por Washington às importações de aço e alumínio europeias.

A partir de 6 de Julho vão entrar em vigor nova taxas aduaneiras aplicadas pela importação de bens oriundos da China num montante de 34 mil milhões de dólares.

Victor, neste contexto de guerra comercial, União Europeia e China discutiram formas de cooperação e parecem apostadas em revigorar a Organização Mundial do Comércio. Também da parte dos Estados unidos e Europa existem uma série de duvidas em relação às boas intenções chinesas... É verdade que a União Europeia partilha muitas das preocupações que existem em Washington no que diz respeito ao comércio com a China e nomeadamente ao facto de haver na China existirem muitos subsídios das indústrias chinesas, de haver, por exemplo, a obrigação de transferir conhecimentos tecnológicos para a China e também condenam o facto de que as células do Partido Comunista Chinês têm cada vez mais influência e estão cada vez mais a intrometer-se na gestão das grandes empresas europeias baseadas na China. Mas a posição europeia é muito clara. Eles pensam que estas questões devem ser tratadas através do diálogo e não através de medidas tarifárias ou de medidas unilaterais.

E o que dizer ainda das declarações de Donald Trump que afirmou que a União Europeia é "possivelmente tão má como a China" no que diz respeito às suas relações comerciais com os Estados Unidos?

Essas declarações são extremamente preocupantes, porque na realidade pensa-se que estão a abrir a porta para uma declaração relativamente bombástica na cimeira da NATO, que vai ter lugar aqui em Bruxelas na próxima semana. Pensa-se que poderá haver muita pressão da parte do presidente dos Estados Unidos no sentido de que as despesas militares europeias aumentem muito rapidamente e que se isso não acontecer poderá haver a ameaça de que os americanos venham a retirar as suas tropas do continente europeu, o que evidentemente significaria que o grande escudo de protecção da Europa seria perdido.

Faz sentido também abordar a nova força de segurança lançada pela França à margem da União Europeia e com o apoio de Portugal. Que objectivo tem esta nova força de segurança?

O objectivo é criar uma força de intervenção para crises na vizinhança das fronteiras europeias. Se amanhã houver uma crise muito grande em Marrocos, ou se houver uma crise muito grande na Mauritânia, forças europeias destes nove países possam ser imediatamente destacadas e intervir no sentido da resolução desta crise em territórios vizinhos da Europa. É uma iniciativa que é difícil de perceber no sentido de que tinha sido aprovado em Dezembro do ano passado, ou seja, há seis meses uma outra iniciativa, essa sim uma iniciativa europeia, chamada a iniciativa PESCO, que se destinada a fazer investimentos comuns e a ser uma espécie de embrião de uma força europeia de defesa.

Mas não há aqui uma incompatibilidade, Victor, com essa tal força? Há aqui não só uma incompatibilidade muito grande, mas também uma grande confusão. Ou seja, como a Grã-Bretanha não fará parte da PESCO, os franceses arranjaram uma outra maneira de continuar a aliança com que os britânicos e conseguir fazer com que os britânicos se continuem a comprometer com a defesa da Europa através desta nova iniciativa, mas na realidade o que nós estamos a assistir é uma proliferação de iniciativas de difícil compreensão por parte da opinião publica. As pessoas não entendem o sentido de cada uma destas iniciativas e em que medida uma iniciativa é diferente da restante e também não entendem porquê estas iniciativas quando na realidade já existe um guarda-chuva comum que é a NATO.

#### V.

Estivemos com Victor Ângelo, comentador residente do Magazine Europa. E antes de nos despedirmos, tempo ainda para a nossa nota cultural. Em Londres, pode ver algum do vestuário e objectos de vida da pintora mexicana Frida Kahlo no Victoria and Albert Museum.

A mostra decorre ate 4 de Novembro. Trata-se da primeira exposição fora do México a trazer objectos pessoais da pintora, incluindo roupas, jóias, próteses, fotografias e cartas.

Também em Portugal, no Porto, o Centro Português de Fotografia abre portas a "Frida Kahlo — as suas fotografias". É uma exposição que conta com imagens encontradas na casa onde a pintora viveu.

Para ver entre 6 de Julho a 4 de Novembro.

Hoje ficamos por aqui, até para a semana!

## [ficha técnica]

Com edição e apresentação de Catarina Domingues, análise de Victor Ângelo e coordenação de Hélder Beja, Magazine Europa resulta de uma colaboração entre a Rádio Macau e a Universidade de Macau no âmbito do projecto Jean Monnet Magazine Europa.

As opiniões aqui expressas não representam necessariamente as posições oficiais das diversas instituições da União Europeia.

O projecto Jean Monnet Magazine Europa é uma parceria entre a Universidade de Macau e o Instituto de Estudos Europeus de Macau, cofinanciada pela União Europeia no quadro do Programa Erasmus +.

Estamos no Facebook em Magazine Europa.